

Artes visuais na escola: uma experiência de ensino e aprendizagem através do olhar e das expressões artísticas dos alunos

Rosa Maria da Silva*

Resumo

O trabalho em evidência apresenta os caminhos que impulsionaram o estudo acerca dos processos de ensinar e aprender artes na prática cotidiana escolar. Intercruzamentos realizados por meio da aplicação de um projeto de intervenção na Escola de Educação Básica, com alunos do Ensino Médio, na disciplina de Artes. A problemática consistiu em evidenciar quais recursos didáticos pedagógicos em artes visuais flexibilizam a quebra de paradigmas no processo de ensinar e aprender artes, de modo que os conteúdos sejam significativos aos alunos. A problemática foi elencada por meio de observações, em que se constatou que a disciplina de Artes ainda não era compreendida pelos alunos, tampouco entendiam a arte como processo que permite o conhecimento e interpretação de mundo. Objetivou-se compreender e tomar ciência das múltiplas relações que podem ser estabelecidas entre a disciplina de artes, por meio da mediação dos conteúdos em artes visuais e as experiências cotidianas dos alunos. Acreditamos que a escola, pode ser um espaço provocador de possibilidades reflexivas e que promove o diálogo, incentivando o respeito às diferenças, garantindo a liberdade de expressão das práticas vivenciadas. Os procedimentos metodológicos que possibilitaram essa pesquisa se contextualizam pelo cunho dialético, bibliográfico qualitativo, envolvendo pesquisa teórica e prática no campo. Acredita-se pelas nuances da pesquisa que arte é um tipo de narrativa que discorre sobre o ser humano, que sintetiza visões de mundo de cada época e cultura, o acesso às suas múltiplas diversidades só ampliam as possibilidades dos alunos frente aos desafios do mundo e da sociedade.

Palavras chaves: Artes Visuais. Experiências artísticas. Espaço escolar.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de uma experiência em arte-educação, realizada em uma Escola Estadual, com alunos do 1^a ano do Ensino Médio. A experiência utilizou como eixo central as produções artísticas do sec. XX e as produções artísticas contemporâneas. Para que pudéssemos mediar conhecimentos a respeito de temática em questão, fez-se necessário a pesquisa teórica que fundamentasse a utilização da imagem como possibilidade de ensino/aprendizagem em artes visuais na escola. O projeto partiu, portanto de um diálogo entre prática e reflexões teóricas e cotidianas na realidade presente dos alunos. O objetivo da proposta de ensino em artes visuais foi desenvolver a percepção visual do aluno diante do mundo e da arte, ampliando as possibilidades reflexivas na construção de um olhar crítico. A proposta desafiou os alunos para que pudessem ser receptores críticos da arte moderna e contemporânea, partindo do pressuposto que os alunos não podem

* Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; rosa_m_78@hotmail.com

compreender a arte se não a conhecem. Para que o leitor compreenda as etapas das experiências vividas em sala de aula, abordaremos as etapas do processo realizado com os alunos, com base no intercruzamento dos autores que fundamentaram nosso percurso de estudo, trazendo compreensões das proposições realizadas por meio das atividades vivenciadas com os alunos.

No primeiro momento, faremos breve percepção dos alunos diante das imagens que fizeram rupturas na história da arte. No segundo momento compreenderemos o olhar dos alunos frente às imagens de obras artísticas contemporâneas. E no terceiro momento apresentaremos os exercícios artísticos produzidos pelos alunos. Salientamos que este artigo dá ênfase ao terceiro item abordado em sala de aula, acreditando que os resultados artísticos na produção dos alunos é que trouxeram a compreensão da arte para os aprendizes.

2 ARTES VISUAIS: DIALOGANDO E REFLETINDO COM IMAGENS

Buscando compreender nosso propósito de encontrar caminhos significativos no trabalho com as Artes Visuais, procuramos entendê-las na contemporaneidade e porque ela está ganhando espaço na escola.

É importante ressaltar que desde o início da história da humanidade a arte sempre esteve presente em praticamente todas as ações culturais. Neste trajeto, Cunha (apud PILLAR, 2001, p. 164) nos lembra que “[...] a procura do novo, a ruptura com o passado, a busca da expressão e a experimentação, que são características modernas, e mais as descobertas tecnológicas, impulsionaram a diversidade da arte”. E “[...] se a modernidade possibilitou a experimentação e a diversidade visual, a pós-modernidade buscou as imagens do passado para a constituição de uma nova narrativa visual.”

[...] De uma maneira ou outra, os paradigmas históricos/visuais influenciaram as imagens destinadas as crianças. Além disso, o próprio conceito de criança é alterado: hoje, ilustrações e os textos visuais convocam as crianças a conhecê-los, a percorrê-los e racioná-los com uma realidade maior, imaginada ou real. (CUNHA, apud PILLAR, 2001, p. 164).

A cultura visual contemporânea atualmente desafia nosso próprio conceito de ensino e aprendizagem, assim como desafia também os sentidos e definições da própria arte. Segundo Loponte (2002) ao mesclar técnicas e materiais inusitados à arte rompe com os cânones tradicionalmente adotados, que já não surge mais efeitos como as mídias e as imagens que nos afetam diariamente.

Por acreditarmos no que os autores acima citados nos apontam, buscou-se aproximar as artes visuais do cotidiano escolar dos alunos. As atividades foram muito bem aceitas, justamente porque compreendemos que ilustrações e textos visuais convidam os alunos a apreenderem. Os educandos revelaram que visualizar os conteúdos, que por sua vez quando visualizados tornam-se imagens, ao mesmo tempo observar as imagens de obras artísticas trouxeram compreensão mais concreta dos conteúdos ensinados.

A visualidade também tem impacto sobre a aprendizagem. A capacidade das crianças de sentir uma imagem está se tornando cada dia mais presente e influente. Não se pode mais dizer que a escola é o único lugar que os alunos apreendem. Então acreditamos que nós educadores devemos ensinar os conhecimentos artísticos culturais do passado associado aos dias atuais. Pimental nos fortalece na compreensão quando nos diz que,

O conhecimento da produção humana do tempo passado deve estar comprometido com a produção de um ensino contemporâneo, que leve em conta as manifestações da arte que estamos vivendo, do cotidiano social, cultural, individual de quem ensina e aprende. (PIMENTEL, 1999, p. 165).

Pensando em oferecer aos alunos uma compreensão das principais rupturas da história da arte, organizamos conteúdos sobre os principais movimentos artísticos do século XX. Tivemos como intuito, desencadear pensamentos reflexivos dos alunos quando aos conhecimentos artísticos da arte.

Buscamos apresentar esses conhecimentos o mais próximo possível da realidade cultural dos nossos educandos, que se contextualiza hoje como cultura visual. Hernández nos lembra de que este é um dos principais desafios da educação atualmente.

Uma educação para indivíduos em transição, que construam e participem de experiências vivenciadas de aprendizagem, pelas quais aprendam a resolver questões que possam dar sentido ao mundo em que vivem de suas relações com os outros e consigo mesmo. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 15).

O primeiro desafio que propomos como atividade em sala de aula foi uma releitura de imagens de obras de arte desse período artístico do século XX. Contudo a releitura deveria conter entrelaçamentos do período cultural artístico com os dias de hoje.

Devemos ressaltar que no requisito sociocultural os alunos não tiveram dificuldades, cada um ao seu modo fez relações muito coerentes com nossa sociedade moderna, porém com "*outro cenário e personagens*", diz a aluna Sierota.

Mostramos a figura da obra do artista Picasso a "*Guernica*".



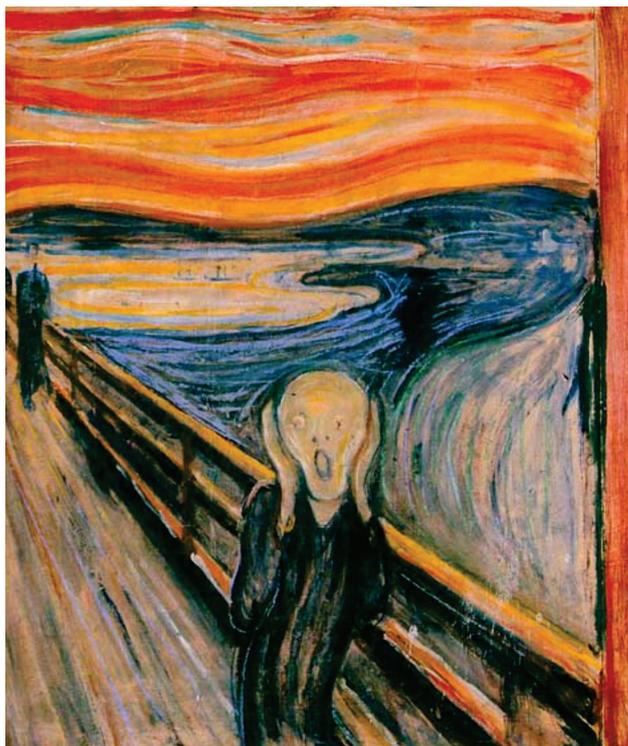
Sugerimos que olhassem com cuidado os elementos visuais que compoñham a imagem. Depois de um breve silêncio os alunos se desafiaram. "*Vejo tristeza e dor*" diz a aluna Tedesco. "*Professora são pessoas ou animais? Não consigo distinguir.*" Reclama o aluno Silva. "*Eu acho que são pessoas brigando com animais.*" Observa a aluna Santos.

Os alunos deixaram fluir seu pensamento expressando que a imagem passava agonia, desespero, dor e tristeza. Isso tudo sem saber qual era o contexto da obra. Conversamos sobre as características artísticas presente na imagem, como as formas geométricas, cores, contraste de claro e escuro.

ro. Após colhermos observações, os alunos visualizaram o texto explicativo do contexto social que a obra foi criada e tudo que o artista presenciou e vivenciou no período da Segunda Guerra Mundial.

Perguntamos a turma que relações poderíamos fazer da imagem artística e nossos dias atuais. A primeira situação lembrada pelos alunos foi a violência das grandes cidades. Citaram episódios das favelas do Rio de Janeiro e São Paulo, onde morrem diariamente centenas de pessoas, culpadas e inocentes. Tudo por causa do nosso sistema capitalista.

Propomos novo desafio aos alunos ao observar com a imagem da obra o "Grito" de Much. A experiência teve como propósito nos permitirmos junto com os alunos expressar sensações que viessem dos nossos sentimentos.



A Figura 2 gerou várias expressões. Sentimos que a turma estava com receio de falar e errar. Aliás, devemos ressaltar que a característica da turma não era de falar muito. Percebemos que não gostavam de se expor verbalmente. Acreditamos que seja próprio da idade deles, adolescentes em geral são mais reservados.

O desafio como educadores era justamente esse, permitir e instigar as expressões contidas dos educandos, sem forçá-los, deveria ser espontâneo. Começamos falando das cores das formas e quais elementos artísticos eles percebiam. Ressaltaram a pintura e o desenho primeiramente. Elementos esses que mais fazem parte de suas vidas escolares.

Sugerimos que observassem as linhas e nuances das cores e os movimentos das formas da pintura. Um aluno comentou que nunca tinha olhado para um desenho ou para uma pintura observando as linhas, quanto mais o movimento. Isso nos fez perceber que os alunos eram carentes das imensuráveis possibilidades e linguagens do nosso contexto artístico atual.

Talvez, a dificuldade de se expressar diante de uma obra, impregnada de signos e símbolos visuais. Acostumados com imagens midiáticas que trazem um pensamento pronto, fica realmente complicado refletir e enxergar códigos escondidos.

Contudo não nos damos por vencidos e logo surgiu o primeiro passo. A aluna Witcoski fez sua observação, *"bom, eu vejo em céu turbulento, acho que vai chover, porque a água está muito agitada. E a cor laranja pode ser que sejam raios. Acho que tem vento forte e as pessoas estão correndo com medo do tempo. E também a ponte é de madeira e pode cair com a força da água e do vento"*.

"Deve ser por isso que as cores do céu se misturam com a da água lá trás." Complementou Muginuski.

As atividades artísticas têm essa pretensão de capturar a vida onde ela se esconde ou se camufla (DUARTE 2002), mas que é de fundamental importância para um bom relacionamento em sala de aula. Vivemos momentos apaixonantes onde aproveitamos as diferenças ao invés de tomá-las como problemas.

No olhar de Hernández,

O professor é um catalisador que cuida para que cada estudante esteja cada vez mais conectado, para que seja cada vez mais um participante ativo nessa relação que visa a aprendizagem. Nesse sentido o professor é mais um "DJ" do que um diretor de orquestra. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 16).

Nesse sentido compreendemos que nos últimos anos as análises e reflexões sobre o ensino das artes visuais na escola estão ganhando espaço e esperamos trazer nossa contribuição. Quando falamos de artes visuais também estamos destacando o papel das imagens no contexto escolar. Isso nos leva a educação do olhar por consequência. Contudo sabemos que em uma época onde a visibilidade exagerada nos cega, falar da educação do olhar exige uma ação comprometida com a ação de ensinar arte no contexto escolar.

A fundação primordial da arte é objetivar o sentimento de modo que possamos contemplá-lo e entendê-lo. É a formulação da chamada experiência interior, da vida interior, que é possível atingir pelo pensamento discursivo, dado que suas formas são incomensuráveis com as formas de linguagem e de todos os seus derivativos. (DUARTE JUNIOR, 2005, p. 84).

Sendo assim a proposta desse trabalho procurou apresentar para os aprendizes que artistas contemporâneas também trazem essas questões em suas obras e com isso produzem rupturas no nosso modo de ver a arte e o mundo atualmente.

Partindo da compreensão de que a escola é um espaço provocador de possibilidades reflexivas e de conhecimentos, levamos nossos alunos para a sala de informática da escola e propomos uma pesquisa virtual centrada nas produções artísticas contemporâneas. Partindo dos eventos artísticos aqui no Brasil, valorizando a cultura artística do nosso país.

A atividade consistiu em dividir a turma em dois grupos, Bienal de São Paulo e Bienal do Mercosul. Elencamos algumas questões para nortear a pesquisa virtual, navegando como pirata rumo ao desconhecido.

Ao analisar as questões do ensino virtual na escola Domingues (1997, p. 133) nos esclarece que [...] *"esta conciliação da arte com o social não deve ser entendida ao modo de empobrecimento, mas, ao contrário, como uma nova aquisição."*

A arte em sua essência compreende e percebe o mundo em sua totalidade, por isso, arte-educadores tem o compromisso de situar a condição humana e fazer com que a educação dos aprendizes seja significativa para seu tempo. Domingues (1997) analisa que esta nova arte possui em si uma vocação especulativa geral, a mesma dimensão social dentro da qual se insere e é entendida

como coletiva informacional. Por isso torna-se parte de um sistema mais amplo, de uma teoria mais articulada, parte de uma centralidade e autorreferência para o artista e sua obra.

A atividade virtual proporcionou para os alunos uma dimensão das produções artísticas brasileiras que revelaram jamais imaginar. Quanto mais que poderiam acompanhar os eventos pela internet. Os educandos ficaram encantados com a diversidade artística brasileira e com a pluralidade de formas e materiais abordados pelos artistas.

Também se surpreenderam com o tempo de existência dos eventos artísticos. E questionaram porque ainda não tinham conhecimento, se o acesso a eles é tão fácil.

A aceitação das novas formas artísticas é fundamental, pois o conhecimento da arte proporciona a compreensão dos processos de produção artista de diferentes épocas e lugares. Strieder (2002, p. 66) observa e compreende que [...] "a educação precisa estar atenta a essas mudanças e fazer-se mais dinâmica e versátil." A escola deve tornar visível a condição humana para que esta seja reconhecida como tal. Nesse sentido o agir educativo convida a questionar não só as relações com o mundo, mas a condição e posição, nele e com ele, (STRIEDER, 2002).

As artes visuais na escola ampliam a dimensão de mundo dos alunos e aproxima o ensino a realidades visual em que estão inseridos.

Para finalizar a pesquisa socializamos o estudo por meio de uma troca de conhecimentos. Estipulamos regras, as quais ajudaram os alunos compreenderem a finalidade da atividade, bem como valorizaram e instigaram o respeito entre os aprendizes.

Esta abertura, esta sensibilidade ampliada, esta fruição expandida, estas potencialidades comunicativas podem, felizmente, combinarem-se com reflexões sobre as razões fundamentais e sobre as condições gerais da existência, mesmo para além da dimensão antropológica. (DOMINGUES, 1997, p. 133).

Ressaltando a análise de Domingues percebemos que a atividade proporcionou aos alunos compreensão quanto à finalidade da arte na escola e sobre tudo que eles podem buscar conhecimentos realmente significativos por meio da internet.

Um dos assuntos polêmicos do debate foi o tema da Bienal de São Paulo deste ano de 2010, onde a turma conseguiu fazer relação entre arte e política, e também entenderam a dimensão que pode alcançar as produções artísticas. Muitos paradigmas foram quebrados, bem como o conceito de que arte é só para desenhar ou relaxá-los das outras disciplinas.

Dessa forma uma das intenções desse trabalho é romper com o olhar cristalizado pré-estabelecido culturalmente e ir além da leitura de imagens. É tornar visíveis as implicações entendidas pelos alunos na leitura de imagens e na dinâmica socializada. Problematizar as questões elencadas nas observações dos olhares unindo a imaginação ao fazer artístico prático.

A partir desse momento traremos a atividade prática construída pelos alunos do ensino médio. Após fazermos reflexões sobre os conhecimentos aprendidos, buscamos abordar para o exercício artístico, temas que fizessem parte do cotidiano da turma. Sendo assim os alunos significaram temas existentes em seus bairros, tais como: preconceitos, poluição visual, desistência de viver, também relações com o tempo onde criticam as pessoas por não prestarem atenção no que realmente faz sentido para a vida. Enaltecem as coisas boas da vida, a natureza os conhecimentos adquiridos na escola. Buscaram valorizar o arcaico, o velho e novo com a evolução do som.

Uma forma de criticar, questionar e trazer reflexões diante dessas questões.

2.1 PROCESSOS DE CRIAÇÃO

O aqui e o agora da criação remetem a quem se dedica com exclusividade a poéticas visuais contemporâneas e a quem aplica um discernimento estético-visual a sua práxis, propondo simultaneamente uma postura ética, política, cognitiva e relacional, (MEIRA, 2007).

Partindo desse ideal os alunos expressaram toda sua intencionalidade em seus processos de criação. Os aprendizes expressaram seus pensamentos tornando visual e concreta sua imagem. Eles se apaixonaram por suas ideias, se decepcionaram com os materiais, tiveram que reformular suas criações e refletir em seus objetivos.

E quando tudo parecia ter dado errado perceberam que as situações que estavam vivenciando faziam parte de um processo de criação.

Por muitas vezes alguns alunos quiseram desistir, presenciamos momentos de explosão de raiva, angústia e sensações de impotência. Contudo foi exatamente nesses momentos que percebemos a importância da mediação do educador para a compreensão dos alunos quando aos processos vivenciados.

Meira (2007) enfatiza que, ao levar em consideração uma filosofia da criação, demandam relacionar arte e vida, onde o conhecer, o fazer, o expressar, o comunicar e o interagir instauram práticas inventivas a partir das vivências de cada um.

Percebemos que quando os alunos começaram a visualizar o processo de metamorfose de seus trabalhos artísticos, tornando uma coisa em outra, o sentimento poético transformou-se no desejo de tornar visível aos olhos do espectador o trabalho.

O pensamento que era abstrato começa a ser concreto, e isso fez com que os alunos fossem tomados por emoções inexplicáveis. Presenciamos momentos de euforia e acreditamos que a partir desses a compreensão do ato criador tornou-se significativo para eles.

Os elementos que geram acontecimentos significativos são experiências de singularização para aqueles que envolvidos no processo, instauram para suas interações com a vida uma pedagogia do cuidado, da atenção, da compreensão efetual e afetivo. (MEIRA, 2007, p. 125)

A compreensão dos trabalhos com a arte oportunizou aos alunos a redimensionar o pensamento cognitivo e reflexivo ao possibilitar a criação. Segundo Meira (2007), a criação irrompe por diferentes vias de acesso, a partir das quais a sensibilidade é chamada quando encontra clima propício de confiança para se manifestar.

Compreendemos, a partir das experiências vivenciadas, que a educação em artes visuais pode ser uma troca de sensações e emoções, com o tato, com a pele, o movimento, a cor, as sinergias corporais e as afetivas. A relação entre pensamento e sensibilidade foi uma implicação mútua.

No ponto de vista de Meira, o trabalho da arte busca nas formas, sons, imagens, elementos para elaborar essa intensidade, na medida em que se impregna de emoções para delas extrair forças positivas no delineamento dos processos do trabalho criador (MEIRA, 2007, p. 128).

Os trabalhos realizados nos possibilitaram perceber que o ensino da arte voltado para o cotidiano dos alunos enriquece o aprendizado e fortalece seus significados.

Os educandos buscaram na natureza, nos materiais recicláveis, nos jornais e revistas, materiais para a construção dos seus fazeres artísticos. Utilizaram-se das múltiplas linguagens artísticas

para expressar suas produções. O desenho, a pintura, as texturas e a instalação fizeram parte de um processo criativo.

O ser humano é por natureza um ser criativo. No ato de perceber, ele tenta interpretar, e nesse interpretar, já começa a criar. Não existe um momento de compreensão que não seja ao mesmo tempo criação. Isto se traduz na linguagem artística de uma maneira extraordinariamente simples, embora os conteúdos sejam complexos. (OSTROWER, 1989, p. 167).

Na verdade nós educadores mesclamos conhecimentos com os aprendizes num só objetivo, vivenciar, experimentar, expressar e produzir arte na escola.

3 POSSIBILIDADES REFLEXIVAS

Para concluir nosso trabalho elencamos algumas possibilidades reflexivas acerca das práticas vivenciadas em sala de aula. A primeira é reconhecer que vivemos atualmente um gigantesco processo que se mostra de difícil controle que está se viabilizando através da estetização do cotidiano (MEIRA, 2007).

A segunda consiste em admitir que o ensino da arte não seja somente regido pela emoção e pela sensibilidade, mas também pelo pensamento organizado. Para que isso aconteça nos espaços escolares é necessário romper paradigmas e preconceitos pré-estabelecidos pela história se levarmos o conhecimento da arte para dentro da sala de aula.

Outro ponto observado durante as experiências é que precisamos oportunizar aos educandos processos práticos artísticos. Deixá-los se desafiar, se decepcionar e interagir com as múltiplas possibilidades que o trabalho com a arte os possibilita.

Uma consciência da produção artística como signo autônomo, produto de um grupo social, atual e em transformação. Os alunos precisam produzir arte na escola, simplesmente porque a escola é o local que promove interações com o outro espontaneamente e cotidianamente.

Acreditamos pelas nuances da pesquisa que a arte é um tipo de narrativa que discorre sobre o ser humano, sintetiza visões de mundo de cada época e cultura, o acesso às suas múltiplas diversidades só ampliam as possibilidades perceptivas dos alunos com relação a arte, e quando o educador trabalha com temas globalizadores é porque tem claro consigo que os estudantes são consumidores de sua própria cultura.

Por outro lado, ficamos com a certeza de que temos muito para aprender e para ensinar, e as possibilidades de reflexões sobre os erros e acertos vivenciados nesse processo nos permitiram perceber que o ensino independente da sua ciência específica exige dedicação e flexibilidade.

Abstract

The following paper presents the ways that promoted the study of the processes of teaching and learning arts in daily school practice. Intercrosses performed through the implementation of an intervention project in the Basic School, with High School students, in Arts subject. The issue was to show which educational resources in visual arts smooth the breaking of paradigms in the process of teaching and learning arts, so that the contents are meaningful to the students. The issue was organized through observations, in which it was found out that Arts subject was not understood

by the students yet, nor understood by them as a process that allows knowing and interpreting the world. It was aimed to understand and be aware of the multiple relations that can be established between Arts subject, through the intercession of contents in visual arts and the students' everyday experiences. We believe that the school can be a provocative environment of reflexive possibilities, promoting dialogue, encouraging the respect for the differences, ensuring freedom of expression for the practices experienced. The methodological procedures that allowed this research are contextualized by dialectical nature, qualitative literature, involving theoretical research and field practice. It is believed by the tone of the research, that art is a kind of narrative that talks about the human being, that summarizes the worldviews of every time and culture, and that the access to its diversities only enlarge the possibilities of students facing the challenges of the world and society.

Keywords: Visual Arts. Artistic Experiences. School Environment.

REFERÊNCIAS

DOMINGUES, Diana (Org.). **A arte no século XXI: a humanização das tecnologias**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

DUARTE JUNIOR., João-Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2005.

_____. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2. ed. Curitiba: Criar, 2003.

FERREIRA, Sueli. **O ensino das artes**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudanças educativas e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **Catadores da cultura visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

MEIRA, Marly Ribeiro. **Filosofia da criação: sobre o sentido do sensível**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar no ensino das artes**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. **Limites em expansão: licenciatura em artes visuais**. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.

OSTROWER, Fayga. A construção do olhar. IN: Novaes, Adauto (Org.). **O olhar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

STRIEDER, Roque. **Educação e Humanização: por uma vivência criativa**. Florianópolis: Habitus, 2002.

STRICKLAND, Carol. **Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

